

## **EDUCAÇÃO: UM PROCESSO ININTERRUPTO DE DESCOBERTAS**

**Jordane Ribeiro Lima<sup>24</sup>**  
**Marcos Delson da Silveira<sup>25</sup>**

### **RESUMO**

A educação é um contínuo processo de descobertas. É um meio onde o homem se encontra numa determinada época, fazendo parte de um determinado contexto social. A transmissão do bem moral e social possibilitará a visão de bem comum e a percepção do outro. A alteridade é uma das características indispensáveis para fundamentar uma sociedade justa baseada no conceito de dignidade humana. No grande mistério da dimensão humana a pessoa, aos poucos, descobre seu valor, liberta-se para viver bem. A capacidade de aprimorar-se moralmente associa-se à certeza da verdade. Descaracterizar a possibilidade de alcançar a verdade é neutralizar a busca do conhecimento. O processo educativo traz intrínseca a ingrata tarefa de buscar uma resposta para uma pergunta milenar: Quem é o homem?

Palavras-chave: Homem; Educação; Verdade; Professores

### **INTRODUÇÃO**

Segundo a Constituição Brasileira de 1988, artigo 6º, um dos direitos sociais do homem é a educação<sup>26</sup>. É na educação que se constrói uma sociedade mais justa e solidária, onde se transferem conhecimentos e valores, onde se inventa e aprende, onde se descobre e copia, por fim, onde se vai por caminhos, a princípio, impenetráveis.

A educação é dever da família, do Estado e de cada cidadão<sup>27</sup>. Entretanto, percebe-se, infelizmente, que em grande porcentagem, os pais gradativamente abdicam do seu dever de educar fazendo dos professores os referenciais dos seus filhos. Crianças

---

<sup>24</sup> Acadêmica do terceiro período do curso de Direito da Uni EVANGÉLICA no pólo de Ceres-GO.

<sup>25</sup> Licenciado em Filosofia com especialização em Docência Universitária; Pesquisador do CEPAVE Anápolis – Centro de Estudos e Pesquisas Aplicados em Valores Educacionais; Professor de Filosofia.

<sup>26</sup> Os direitos sociais têm como objetivo melhorar a condição de vida daqueles que precisam de um amparo maior do Estado a fim de que a igualdade social se concretize perante as situações desiguais.

<sup>27</sup> O artigo 205 da Constituição relata que “A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho”.

que deveriam estar, dentro de um processo natural de descobertas, correndo e brincando, estão em sala de aula para não atrapalharem as necessidades profissionais dos seus progenitores. A escola recebe essa carga excessiva de responsabilidades de transmitir conhecimentos, formar cidadãos e preencher as lacunas da ausência paterna e materna.

A escola enfrenta um problema social: uma crise moral na arte, na cultura, no lazer, alargados pelos meios de comunicação em massa, que se deságua na violência. A percepção do bem foi nublada. A vida humana perde seu referencial de valor. A dignidade humana aos poucos é suplantada por políticas ambientalistas e secularizadas fruto de reflexões descomprometidas com a verdade. Redundando no ambiente educativo esses “novos valores” devem ser novamente pensados com senso crítico e pautados em referenciais construtivos que resgatem a espiritualidade humana.

Oculto-se do homem o grande mistério do seu ser. O homem transcende todas as especulações e definições por sua peculiar dimensão espiritual. Prova disto é sua capacidade de se reinventar, de fazer cultura e, assim, se distinguir dos entes passados. Se não forem resgatados os valores que, aos poucos, são suplantados pela progressiva invasão da ciência e da técnica, há um terrível perigo da humanidade ir em direção a uma concepção puramente materialista e utilitária da vida e do homem.

Reacender no intelecto humano a capacidade de avaliar as consequências da sensação de poder, fruto do domínio, é ajudá-lo a perceber a realidade como é. Perceber a realidade é o primeiro passo na distinção do bem e do mal, do errado e do certo, do humano e do objeto.

Sendo assim, nesse artigo, partiremos da necessidade da transmissão de valores no processo educativo com o intuito da percepção do bem moral e social; secundariamente veremos o homem como um grande mistério que ele é para, finalmente, colocarmos no cerne da educação a verdade e a necessidade de transmiti-la. Esse artigo está baseado em fontes bibliográficas na linguagem dissertativa.

### **1.1. A educação e a transmissão de valores**

Segundo Abbagnano (2007, p. 357), educação, de forma generalizada, é o que possibilita a sobrevivência de uma sociedade, tanto primitiva como civilizada, através da transmissão e aprendizagem das técnicas culturais de geração em geração. A diferença entre as duas formas de sociedades é que nas primitivas as técnicas culturais ganham um caráter de quase inconstância; na sociedade civilizada a educação tem a

tarefa de transmitir, corrigir e aperfeiçoar as técnicas quando necessário e permitido pelo meio social.

Portanto, em busca do aperfeiçoamento humano e social, o processo educativo deve se adequar às condições históricas, culturais, sociais, filosóficas, políticas nas quais o indivíduo está inserido sem ausentar-se do compromisso estabelecido com a verdade, com a dignidade humana e a busca do bem pessoal e comum. É somente na busca do bem moral e social que o homem se encontra e se doa, respeitando a personalidade individual e, assim, servindo a si e a todos. “Não basta viver, mas deve-se viver bem, isto é, aperfeiçoando-se moralmente e modelando-se segundo influências subjetivas e sociais, mas afirmando a sua liberdade instauradora de algo original” (REALE, 2002, p. 266).

A compreensão da dignidade humana é um fator enfático revelado no processo que envolve a descoberta do eu, do outro e do mundo, o que ocasiona o surgimento de “novos valores”. À medida que surgem esses “novos valores” no contexto histórico nota-se, se comparado o presente com o passado, o progresso ao possibilitar a maior harmonia entre os membros da sociedade e, posteriormente, são fixados em lei e transmitidos com o intuito de socializar o cidadão.

Por vezes, alguns valores que são construídos podem gerar um clima de insatisfação e insegurança por parte do indivíduo crente em verdades absolutas referentes à natureza humana. Assim, há a necessidade de reflexão até que se chegue ao ponto de que nem tudo é contingente e variável no campo ético e que alguns valores pertencem ao homem por sua condição de ser humano, por sua dignidade. Corriqueiramente, surge a necessidade de reavaliar o processo comportamental dos indivíduos dentro da sociedade com o intuito de alcançar o bem social, o justo. O homem está dentro de um processo ininterrupto de construção. A educação também.

## **1.2. Um grande mistério é o homem**

A educação é um processo de aperfeiçoamento do homem que se lança na história em busca da verdade de si, do outro e do mundo. E para ajudá-lo na construção de si, na descoberta do outro e na conquista responsável do mundo deve-se abranger parcelas significativas do seu ser. Além disso, é um dispositivo para se ter uma vida digna, capacidade para participar de assuntos relevantes da sociedade e se relacionar diretamente na diminuição de problemas sociais redundantes como as drogas e a violência.

Para isso, porém, não basta acomodar inúmeros alunos numa sala de aula, é necessário o Estado garantir igual oportunidade de acesso, com igual nível de qualidade. Como afirmou o filósofo grego Aristóteles, no livro *A Política* (1999; p. 97): “o fim da educação e da arte em geral é substituir a natureza, é completar aquilo que ela apenas começou”. É um processo de aperfeiçoar a pessoa com as virtudes (bons hábitos) indispensáveis à boa convivência social, na ajuda da construção da responsabilidade, do caráter, do conhecimento e das técnicas ao ofício da vida.

Afinal, trata-se não apenas de passar informação e habilitar para um futuro profissional, mas de formar o cidadão, o parceiro, o pai e a mãe, com aqueles valores que farão a diferença entre uma sociedade simplesmente produtiva e eficiente e uma sociedade também solidaria. (BARCELLOS, 2009, p. 17)

Nessa perspectiva de aperfeiçoamento do homem surge, a princípio, a pergunta: Quem é o homem? Analisando a história e as mutações comportamentais do ser humano percebe-se que, vinculado ao meio onde se encontra, o homem é o homem de sua época e de seu contexto. Não é um ser abstrato e descontextualizado numa “caverna platônica”. Fazendo parte de uma sociedade se molda e ao mesmo tempo se desvincula: “não é fruto do meio nem está todo pronto, o que faria da educação um ato de trazer à luz o que ele já seria” (BARCELLOS, 2009, p. 21). Se trouxesse a luz o que ele já seria estaria determinado e não haveria aperfeiçoamento e, portanto, progresso social.

Associado a esse fato existe outra indagação: O que há de comum nesse homem? A luta pela vida, pela liberdade, pela felicidade, consciente ou não desse fato, as inquietações religiosas, o labor, o lazer, enfim, as várias manifestações físicas ou metafísicas que o acompanham desde seu aparecimento na terra. O homem é um grande mistério para ser tratado como se fosse uma descoberta científica ou uma invenção do acaso, um espírito do *Big Bang*. É um ser histórico, cultural, linguístico, metafísico etc. Devido a essa complexidade, muitas vezes, na educação, há uma mudança na pergunta: ao invés de “quem é o homem”, passa-se a perguntar “o que queremos desse homem? Como nos será útil?”.

Nesse clima gerado no “abismo pragmático” usam-se meios inadequados, por vezes, sem o questionamento do sentido da existência, do desejo simbólico ou real da vida eterna e suas implicações éticas e políticas nesta vida. Se não há uma finalidade

para o homem, mas um móvel na conduta segundo as condições históricas e culturais, a educação se pauta exclusivamente em tentar moldá-lo em sua época de contrastes e ambiguidades: onde não se define o bem e o mal, onde se tornam homogêneos estes dois conceitos antitéticos.

### 1.3. A educação e a busca pela verdade

A educação possibilita ao intelecto alcançar e se alimentar da verdade gerando a liberdade interior. É nesse sentido que Prado (1986, p.27) afirma que “no cerne do processo educativo está (...) o conhecimento da verdade e a sua conquista”. Não basta conhecê-la é necessário conquistá-la. A verdade, aos poucos conquistada, gera no homem a possibilidade de ser livre em seu interior: “è iluminado pela verdade, aos poucos conquistada, que o ser humano vai se equipando com a faculdade de discernir, avaliar e escolher, de ponderar e decidir”. (PRADO, 1986, p.27). Nesse caminho as verdades são evidenciadas e o erro, o engano, a ignorância aos poucos é suplantada. O homem se vê como portador de princípios e é capaz de diferenciar o erro da verdade. A verdade vivida é uma virtude conquistada, e uma verdade ignorada é um vício alimentado. A verdade depois de evidenciada, se não for vivida, é ignorada, pois sua luz se apresenta ao intelecto de forma tangível.

Para Platão, a verdade existe quando o pensamento diz o que a realidade é, e é mentira quando o pensamento diz o que a realidade não é: “Se pode dizer a verdade ou mentir, e que a proposição referente às coisas como elas são, é verdadeira, vindo a ser falsa quando indica o que elas não são. Logo, é possível dizer por meio da palavra o que é e o que não é” (PLATÃO *apud* NUNES, 1978, p. 08). E, também, pelo fato do conhecimento poder ser incompleto, a verdade não é conhecimento. A verdade é propriedade do que pode existir ou não num determinado conhecimento. Se um conhecimento dito verdadeiro em determinada época for apontado por falso em outra época, é porque nunca foi verdadeiro. Como, por exemplo, a passagem da teoria geocêntrica à heliocêntrica.

Nunes (1978, p. 12), comentando o filósofo Aristóteles, diz que toda verdade é objetiva, uma vez que, se ela existe na mente do sujeito pensante, é como adequação com a realidade, mas a disposição das coisas também influenciará a verdade: assim, o juízo “Maria está sentada”, pode ser verdadeiro num determinado momento, e não o ser daqui a alguns minutos, quando ela estiver em pé, e nesse caso o novo juízo “Maria está de pé” será, por sua vez, plenamente verdadeiro. A verdade lógica existe na

mente do sujeito pensante, mas pode variar conforme as exigências do objeto. Um conhecimento é verdadeiro e permanece verdadeiro se o objeto que o gerou permanece estático, mas se ele variar o conhecimento deve ser revisto. A verdade é imutável, mas o objeto é mutável.

E como o conhecimento será estabelecido na relação de sujeito, sujeito e objeto, a manipulação das informações, por vezes, tão visível no processo ensino aprendizagem poderá deformar os juízos emitidos pelo educando. Diante da covardia em relação à verdade ou à convicção do entendimento humano, por ser abstrativo e, portanto imperfeito, não alcançar a verdade é um tumor, um câncer que, se não for extraído, cresce alastrando-se.

Contemplar a verdade em suas várias manifestações implica a pessoa, uma vez que, de posse do esclarecimento, inúmeras responsabilidades morais que, se não forem observadas, fazem perder o sentido do labor intrínseco à busca. A verdade se manifesta de várias formas, seja na religião, na ciência, na filosofia, mas nem uma forma diz o que a verdade é.

Entretanto, valorizar a individualidade tornou-se tão necessário que muitas vezes torna-se unilateral o olhar, provocando exageros enquanto determinado saber. A fé, por exemplo, deve ser vista como motivadora de especulações e não como uma tesoura afiada, pronta para podar as asas da inteligência. Evidentemente que a razão em si admite pressupostos verídicos, isto é, o homem, através do que há de divino nele, está possibilitado de conhecer as coisas. A fé surge como um suplemento: onde a razão não alcança a fé conduz.

Há, contudo, um problema oposto: a descrença. Muitos desconsideram os conhecimentos sem base empírica. Acreditam que  $2+5=7$ , porém, descartam em nome da ciência, a capacidade espiritual utilizada para este cálculo. É fato: a ciência, por ser um conhecimento humano, não é um conhecimento totalmente perfeito, é fruto de sua época.

Existem outras formas de adquirir conhecimentos que transcendem o puramente empírico, porém muitos campos científicistas são ignorados ou rejeitados como, por exemplo, a metafísica: mesmo que alguns cientistas neguem a metafísica sempre se perguntarão quem são? De onde vieram? Para onde vão? Como afirma Rescher (*apud* REALE 1995, p.85) “Há muitos modos de conhecer e a ciência é apenas um deles [...] O homem faz parte da ordem de coisas humanas e não simplesmente da natural. Há mais realidade do que a contemplada pela ciência”. Muitos conhecimentos

pautados no método científico tornaram-se obsoletos ou ultrapassados. Há uma grande complexidade na vida humana que os livros, constando as inúmeras descobertas, não conseguem responder.

Assim como a ciência não pode arrogar para si a totalidade do saber, é inconcebível a educação, o filosofismo. Conhecimentos utilizados e enaltecidos numa determinada época são inaplicáveis em épocas posteriores: a separação conceitual proposta pelo filósofo René Descartes entre realidade pensante (*res cogitans*) e realidade corpórea (*res extensa*) é inaceitável entre as descobertas tecnológicas de imageamento cerebral.

É fácil perceber que o homem está entregue ao erro, porém, muitas vezes enclausurando-se no que acredita ser verdadeiro, se esquece de que outros homens também acreditam em coisas verdadeiras e, por falta de um diálogo, um consenso e de revisão de suas crenças, perde-se em si.

A dialética faz parte da essência da educação, a troca de experiências, o dar e receber. Dentro do processo educativo cabe aquele dito popular: “ninguém é tão pobre que não tenha algo a dar e ninguém é tão rico que não precise receber alguma coisa”. O que impossibilita a educação é o monólogo onde não se pode contestar e discordar do que o outro diz.

O conhecimento é um ato dinâmico, problematizador da realidade, isto é, que leva o homem a se conhecer conhecendo, põe diante dele a própria ignorância. Na concepção de Paulo Freire, referida por Jorge (1979, p. 24), dentro da constância do conhecimento há esse inclinar-se à liberdade, não existe “dono do saber”(professor), e o aluno enquanto “tábula rasa”. Educando e educador, através do diálogo dialético aprofundam seus conhecimentos da realidade no mesmo instante em que se libertam. São sujeitos da mesma educação, enquanto mobilizados pelo mundo. Por isso, a verdadeira educação não se dará do educador para o educando, numa antialogicidade, mas do educador com o educando mediatizados pelo mundo. “Mundo que impressiona e desafia a uns e outros, originando visões ou pontos de vista sobre ele. Visões [...] que implicam temas significativos, à base dos quais se constituirá o conteúdo programático da educação (FREIRE, 1983, p. 98-9)”. O diálogo autêntico tem em seu fim a verdade, pois caminha em direção ao bem, liberta, se fundamenta no perspectivismo, isto é, olhar por vários pontos de vista.

Outro caso grave, em relação à verdade, é quando a pessoa está ciente de seu erro e, mesmo assim, usa de argumentos para persuadir as mentes em formação. O

verdadeiro comunicador tem a missão de levar e transmitir a verdade ao homem. Um dos grandes retrocessos do caminho percorrido pela verdade na história é o joio que sempre está no meio do trigo. Acreditar na capacidade intelectual do homem de ir à essência das coisas é o primeiro passo, caso contrário, se é impossível a verdade para quem falar de educação? Um homem educado atualiza suas potências com bons hábitos, pois a sua inteligência está direcionada ao seu fim, a sua felicidade. Buscar a verdadeira educação é alimentar-se nos seios da verdade arrotando-a.

## CONCLUSÃO

O animal possui biologicamente, por meio de um milenar processo histórico, a memória do conjunto de atividades necessárias para sobreviver: “sua programação é definida biologicamente e, portanto, fechada, o homem é aberto” (ALVES, 1984, p. 11). O homem não possui uma memória biológica pela qual garanta a sobrevivência. Como ser aberto, deve inventar sua própria programação para sobreviver. Respondendo a essa necessidade para se inserir definitivamente no meio social inventa a linguagem. “A linguagem é a memória coletiva da sociedade. É ela que provê as categorias fundamentais para que certo grupo social interprete o mundo” (ALVES, 1984, p. 15). Por meio da interpretação do mundo, da capacidade de dizer como ele é, “a linguagem determinará também a maneira pela qual a referida comunidade irá organizar a sua ação” (ALVES, 1984, p. 15).

Através da linguagem o homem se comunica e “são os valores que tornam a comunicação possível, pois são eles que dão significação às palavras” (ALVES, 1984, p. 29). Na constante inversão de valores ou surgimento de “novos valores” com seus determinados grupos correspondentes a organização das ações fica determinada. Nesse choque de “interesses de valores”, se o problema não for contornado, a violência ganha território. No contexto educacional há um despreparo profissional e pessoal para amenizar os conflitos. Surge uma relativização do conceito de verdade na tentativa de manobrar ou direcionar tal situação a uma finalidade. É a tentativa desesperada de imprimir na mente humana uma linguagem comum.

Para imprimir uma linguagem comum é necessário trabalhar com o que há de comum: os valores humanos. O fato de uma pessoa optar sexualmente pelo mesmo gênero não garante a outra pessoa o direito de assassiná-la. Aqui surge um valor indispensável: a vida. Se a vida perde o valor a sociedade entra em colapso. Daí a

dificuldade de serem aprovadas leis em prol do aborto, eutanásia e pena de morte. A vida é o valor excelso, é um valor sublime que deve ser garantido e preservado.

A transmissão de valores no processo educativo possibilitará a sobrevivência da sociedade se visar ao bem pessoal e comum. O bem pessoal, enquanto aperfeiçoamento moral do indivíduo para o bem viver e o bem comum busca pela justiça. Se a transmissão de valores visar a um relativismo desproporcional, um sincretismo cultural ocasionará a perda de identidade do sujeito da educação.

Muda-se a linguagem, muda-se a forma de perceber a realidade. O homem transfere-se de um ser transcendente e divino, para um mero consumidor, um voto anônimo, um produto de estatística. Redefinir a condição humana nas estruturas da sociedade é um fator urgente. O homem precisa resgatar o seu valor apreciando a vida, não se conformando com as respostas programadas, colocando-se diante do mistério do ser, da existência, vivendo a metafísica existencial sem se colocar no absurdo do nada. O segredo da linguagem está no sujeito falante, na forma como ele aprecia o mundo, como se vê no mundo.

É possível conversar a mesma língua com valores diferentes. É possível perceber que a verdade dos valores que carrego comigo tem o mesmo referencial para o outro, nos seus valores. É possível evitar a violência. Afinal, eu não posso impor a minha forma de ver a você, mas posso dizer que, talvez, a verdade esteja entre nós. Não seja a verdade nem a minha e nem a sua forma de ver mas, quem sabe, consista na busca de um dia achá-la. Afinal, somos peregrinos da verdade, pois a verdade é procura e não posse.

## **ABSTRACT**

Education is a continuous process of discovery. It is a medium where the man is at a particular time, being part of a particular social context. The transmission of moral and social well enable the vision of the common good and the perception of others. Alterity, is one of the essential features to support a just society based on the concept of human dignity. In the great mystery of the human dimension one gradually discovers its value, free to live well. The ability to improve themselves morally joins the certainty of truth. Mischaracterize the possibility of attaining truth is to neutralize the pursuit of knowledge. The intrinsic educational process brings the thankless task of searching for an answer to an age-old question: Who is the man?

Keywords: Man; Education; Truth; Teachers

**BIBLIOGRAFIA**

- ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de Filosofia*. São Paulo: Ed. Martins Fontes, 2007.
- ALVES, Rubens. *O suspiro dos Oprimidos*. São Paulo: ed. Paulinas, 1984
- ARISTÓTELES. *A Política*. Rio de Janeiro: Ed. Ediouro, 1999.
- BARCELLOS, Marcos Cotrim de. *Filosofia para educadores: ensaios sobre a liberdade*. – Goiânia: Ed. Kelps, 2009.
- CONSTITUIÇÃO DA REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL DE 1988
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido – 16ª ed*. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1983.
- JORGE, J. Simões. *A ideologia de Paulo Freire*. – São Paulo: Ed. Loyola, 1979.
- NUNES, Ruy Afonso da Costa. *A Ideia de verdade e educação*. – São Paulo: Ed. Convívio, 1978.
- PRADO, Dom Lourenço de Almeida. *Ajudar a pensar sim, conscientizar não*. – São Paulo: Paulus, 1986.
- REALE, Giovanni. *Saber dos antigos: terapia para os dias atuais*. – São Paulo: Ed. Loyola, 1999
- REALE, Miguel. *Filosofia do direito*. São Paulo: Saraiva, 12ª Ed, 2002